UM

Josh

Olhei para a mensagem enquanto o semáforo estava vermelho.

Celeste: Não te dou nem mais um tostão, Josh. Vai-te lixar.

— Raios — murmurei, e atirei o telemóvel para o banco do passageiro. Estava mesmo a ver que ela ia fazer isto. Deixou-me entre a espada e a parede. *Merda.*

Tinha-lhe deixado o recheio completo da casa, e tudo o que lhe pedi foi que pagasse metade da conta da Lowe. Metade de três mil dólares em eletrodomésticos que lhe cedi generosamente quando podia tê-los vendido, apesar de os pagamentos estarem registados em meu nome. E, claro, o sacana acabei por ser *eu* por ter mudado de estado por causa de um novo emprego três meses depois da nossa separação.

Sabia, de fonte segura, que ela andava enrolada com um tipo qualquer chamado Brad.

Espero que o Brad goste do meu fogão *Samsung* de aço inoxidável com forno duplo.

O calor, carregado do cheiro a asfalto, entrou pelas janelas abertas enquanto estava preso no trânsito matinal de Burbank. Mesmo aos domingos havia trânsito. Tinha de arranjar o ar condicionado o quanto antes se tencionava sobreviver na Califórnia — outra despesa que não tinha como pagar. Devia ter ido a pé até ao supermercado. Provavelmente, até teria chegado mais depressa, e não teria desperdiçado combustível — outra coisa que custa o dobro do que custava no Dakota do Sul.

Talvez tenha sido má ideia mudar-me para aqui.

Este sítio ia levar-me à falência. Tinha de organizar a festa de despedida de solteiro do meu melhor amigo, lidar com as despesas imprevisíveis, com o custo de vida mais alto… e agora esta treta.

O semáforo ficou verde e avancei. Depois, a *pick-up* à minha frente travou a fundo e embati no seu para-choques com um solavanco.

Merda. Só podes estar a gozar.

O meu dia tinha sido oficialmente estragado por duas vezes em menos de trinta segundos. E ainda nem sequer eram oito da manhã.

O outro condutor virou para um parque de estacionamento de um supermercado Vons, e acenou pela janela para que o seguisse. Era uma mulher — com uma pulseira no pulso. De alguma forma, conseguiu que o aceno fosse sarcástico. Boa *pick-up*, a propósito. Uma *Ford F-150*. Ainda tinha uma matrícula temporária. É pena que lhe tenha batido.

Ela estacionou e eu encostei atrás dela, desliguei o motor e vasculhei o porta-luvas em busca da informação do meu seguro conforme a mulher saltava do seu veículo e corria para ir verificar o para-choques.

— Olá — disse eu, ao descer do carro. — Peço desculpa.

Ela desviou o olhar da sua inspeção e fulminou-me.

— Pois, sabias que só tinhas de respeitar uma regra, certo? Não bater no carro que tens à frente? — Empertigou a cabeça.

Era pequena. Talvez tivesse um metro e cinquenta e sete. *Petite*. Havia uma mancha escura e húmida a descer-lhe pela frente da camisa. Cabelo castanho pelos ombros e olhos castanhos. Gira. Sobrancelhas franzidas de modo impressionante.

Cocei o rosto. As mulheres irritadas eram, para mim, uma especialidade. Seis irmãs — estava bem treinado.

— Vamos dar uma olhadela nisso — disse, passivo, apostando na minha voz calma-em-momento-de-crise. — Vejamos se há danos.

Agachei-me entre as traseiras da *pick-up* dela e a frente da minha e estudei os danos enquanto ela pairava acima de mim, de braços cruzados. Olhei para cima, para ela.

— Bati no gancho do reboque. A carrinha está ótima. — A minha tinha uma pequena mossa, mas não era nada de grave. — Penso que não é preciso meter as seguradoras ao barulho.

Não podia dar-me ao luxo de ter um acidente no meu registo de condutor. Não era bom para o meu emprego. Apoiei-me nos joelhos para me endireitar e virei-me para ela.

Inclinou-se e pressionou o gancho. Este não oscilou.

— Boa — disse ela, evidentemente satisfeita com a minha avaliação. — Então, é tudo?

— Acho que é tudo.

Ela girou nos calcanhares, dirigindo-se ao lugar do passageiro da *pick-up* enquanto eu começava a encaminhar-me para o supermercado. Ela mergulhou no veículo, as pernas dependuradas fora do assento enquanto se deitava de barriga. Uma das chinelas caiu no parque de estacionamento com um *plop*.

Tinha um belo rabo.

— Ei — disse, virando-se para olhar para mim enquanto passava por ela. — Que tal se, em vez de olhares para o meu rabo, fizesses alguma coisa útil e fosses buscar guardanapos?

Apanhado.

Apontei com o polegar para a minha *pick-up.*

— Oh, não tenho guardanapos no carro.

— Pensa fora da caixa — disse ela, impaciente.

A sentir-me um bocadinho culpado por ter admirado os seus atributos — ou, aliás, por ter sido apanhado a fazê-lo — decidi ser útil. Voltei à carrinha, abri o saco do ginásio e tirei uma *T-shirt*. Quando lha estendi, ela agarrou-a e voltou a mergulhar na cabina.

Deixei-me ficar por ali, principalmente porque lhe tinha dado a minha *T-shirt* favorita, mas também porque não tinha motivos para me queixar da vista.

— Está tudo bem? — Tentei espreitar para lá dela, para o assento da frente, mas ela estava a bloquear-me a visão.

Um cão pequeno, castanho-claro de queixo branco rosnou-me da janela do assento traseiro. Um daqueles cãezinhos de trazer na mala. Ri-me por entre os dentes. Estava a usar *roupa* a sério.

— Acabei de despejar café na carrinha nova de um amigo — disse, do interior. Perdeu a outra chinela no parque de estacionamento sufocante

e estava descalça, as unhas pintadas de vermelho no estribo. — Há café em todo o lado. Por isso, não, não está tudo bem.

— O teu amigo é parvo, ou assim? Foi um acidente.

Ela virou-se para me fulminar com o olhar como se eu tivesse acabado de dar um pontapé no seu cão.

— Não, não é parvo. Tu é que és. Devias estar a trocar mensagens.

Ela estava de mau humor. No entanto, era bonita demais para me assustar. Tive de me esforçar por me impedir de sorrir. Aclarei a garganta.

— Não estava a trocar mensagens. E, para sermos justos, *travaste* a fundo sem motivo.

— O motivo foi que precisei de *parar*. — Voltou a concentrar-se na sujeira.

Suspeitei de que o motivo foi ela ter despejado o café sobre si mesma e ter pisado o travão por reflexo. Mas não ia provocar a fera. Estava bem treinado.

Deslizei as mãos para os bolsos e oscilei sobre os calcanhares, enquanto semicerrava os olhos na direção da placa da Vons à minha esquerda, no parque de estacionamento.

— *Okay*. Bem, foi bom falar contigo. Deixa a minha *T-shirt* no para-brisas quando acabares.

Ela subiu para o banco do condutor da *pick-up* e fechou a porta com força.

Abanei a cabeça e fui a rir-me entredentes até ao supermercado.

Quando voltei, ela tinha desaparecido e da minha *T-shirt* não havia nem sinal.

DOIS

Kristen

O Shawn plantou uma cadeira no meio da sala de convívio do quartel de bombeiros e sentou-se nela ao contrário, virado para mim. Fê-lo de modo que pudesse encurralar-me tanto quanto é humanamente possível.

Estava sentada num dos seis cadeirões de repouso de couro castanho posicionados de frente para a televisão. O meu *Yorkshire*, o *Stuntman Mike*, estava instalado no meu colo, a rosnar.

O Shawn moveu as sobrancelhas na minha direção debaixo daquele penteado *Pompadour* ridículo.

— Que foi, miúda? Pensaste no que te disse? — Sorriu.

— Não, Shawn, não tenho nada de mexicano em mim, e não, não quero nada disso.

O capitão do quartel, Javier, atravessou o corredor até à cozinha enquanto eu me inclinava para a frente e tapava as orelhas do meu cão com a mão.

— Shawn, quero que saibas que, se precisasse que me fizessem respiração boca a boca, e fosses o último paramédico na Terra, gostaria que no meu funeral fizessem doações à Associação Americana para a Prevenção da Crueldade Contra os Animais em vez de flores.

O Javier soltou uma gargalhada enquanto se servia de café, e o Brandon soltou risadinhas sobre o seu livro no cadeirão de repouso a meu lado.

— Desiste, Shawn.

O Shawn levantou-se e pegou na cadeira, a resmungar enquanto a levava de volta à mesa.

A Sloan regressou da casa de banho. Trazia aquela saia de linho branco que comprou quando fomos ao México no verão anterior, e sandálias com tiras em redor da barriga das pernas. Parecia a Helena de Tróia.

A minha melhor amiga era lindíssima. Loira, cabelo pela cintura, tatuagens coloridas ao longo do braço esquerdo, uma pedra cintilante no anelar. O Brandon era o seu bombeiro, e era também o seu noivo *sexy*.

Era domingo. O Dia da Família no quartel, em que os quatro homens de serviço podiam trazer os amigos e a família para tomar o pequeno-almoço com eles, se quisessem. Eu e a Sloan éramos as únicas que tinham aparecido nessa manhã. A mulher do Javier estava na igreja com as filhas, e o Shawn não tinha namorada.

Imaginem só.

Tecnicamente, eu estava ali pelo Josh, o quarto membro da equipa, apesar de nunca o ter visto antes.

O melhor amigo do Brandon, o Josh, tinha acabado de ser transferido do Dakota do Sul para exercer o cargo de novo engenheiro do quartel. Era o padrinho do Brandon, e eu era a madrinha da Sloan no casamento que iria celebrar-se em 16 de abril, daí a dois meses. O Josh tinha faltado à festa de noivado, por isso era mesmo importante que fôssemos apresentados *de imediato*.

Dei uma espreitadela às horas no telemóvel. Estava esfomeada e começava a sentir-me irritada. Era o Josh que devia providenciar o pequeno-almoço. Ainda não tinha aparecido, por isso não estávamos realmente a fazer nada, e eu ainda só tinha tomado um café.

Ele já estava a irritar-me, e ainda nem sequer nos tínhamos conhecido.

— Então — disse a Sloan, sentando-se no cadeirão ao lado do Brandon. — Vais dizer-me onde arranjaste aquela *T-shirt*?

Olhei para baixo, para a *T-shirt* com o logo *Wooden Legs Brewing Company* que trazia e à qual tinha dado um nó na cintura.

— Não.

Ela fitou-me.

— Saíste para ir comprar tampões, e voltaste enrolada numa *T-shirt* qualquer. Há algum motivo particular para estares a esconder o porquê?

O Brandon levantou os olhos da leitura. Era um tipo bastante ponderado. Geralmente, não se deixava afetar por coisinhas de nada. Mas

explicar-lhe que tinha batizado a sua *pick-up* nova com o meu café *Sumatra* iria, quase de certeza, valer-me um olhar sombrio de desaprovação que, de alguma forma, seria pior do que uma verdadeira repreensão.

Optei por ficar calada.

Ia limpar tudo. Tinha pisado o travão quando o despejei por toda a parte. Longe da vista, longe do coração.

Visto que o meu *top* já estava arruinado, tinha-o usado para limpar a confusão e vestido a *T-shirt* do tipo do parque de estacionamento no seu lugar.

— É do Tyler — menti. — Cheira a ele. Estava com saudades. — Encostei o nariz à gola e fingi que estava a inspirar.

Raios, cheirava bem.

O tipo até era *sexy*. Deu para perceber que tinha um belo corpo debaixo daquela roupa. Também era bem-parecido. O tipo de feições arrapazadas e completamente barbeadas que acabam sempre por me atrair.

Precisava de ir para a cama com alguém. Estava a começar a ter fantasias com desconhecidos. Já tinha passado muito tempo. Há sete meses que o Tyler não vinha a casa.

A expressão da Sloan suavizou-se.

— Ohhhh. Isso é tão fofo. É uma pena que não possas passar o Dia dos Namorados com ele, amanhã. Mas daqui a três semanas ele já volta de vez.

— Pois. O destacamento vai estar concluído e vamos morar juntos oficialmente. — Senti os nervos a revirarem-se no meu ventre, mas mantive uma expressão neutra.

A Sloan sorriu e levou a mão ao coração. Ela não gostava muito do Tyler, mas era uma romântica, de qualquer forma.

Comecei a sentir dores e agarrei a barriga com uma careta. Estava à beira de outro período épico. A somar à fome, aos acontecimentos anteriores e ao drama policial que ocorreu na minha casa às três da manhã, que ainda não tinha contado à Sloan, contribuíam para a minha carranca. Estava tão cansada que tinha tentado ligar o carregador ao copo de café em vez de ao telemóvel.

A Sloan olhou para o relógio e depois, sem dizer nada, vasculhou na mala e agitou dois analgésicos na mão. Passou-me um copo de água e os comprimidos numa rotina bem ensaiada que tínhamos estabelecido durante cinco anos como colegas de casa.

Engoli os comprimidos e virei-me para o Brandon.

— Esse livro é bom?

— Não é mau — disse ele, a olhar para a capa. — Queres que to empreste quando acabar? — Depois, olhou para lá de mim e os seus olhos iluminaram-se. — Oh, ei companheiro!

Segui o olhar dele até à porta e o meu queixo caiu. O tipo bonito da Vons estava ali de pé com sacos de compras.

Os nossos olhares encontraram-se de lados opostos da sala, e olhámos um para o outro surpreendidos. Os olhos dele desceram para a minha *T-shirt* — *a dele* — e a curva dos seus lábios subiu num sorriso sarcástico.

Pus-me de pé e pousei o *Stuntman* no cadeirão enquanto o tipo pousava os sacos e avançava na minha direção. Sustive a respiração, à espera de ver como é que ele ia conduzir isto.

O Brandon pousou o livro sobre o braço do cadeirão e levantou-se.

— Josh, esta é a Kristen Peterson, a melhor amiga da Sloan. Kristen, este é o Josh Copeland.

— Bem, olá, é um prazer conhecer-te — disse, e apertou a minha mão com um bocadinho de pressão a mais.

Estreitei os olhos.

— Também é um prazer conhecer-te.

O Josh não largou a minha mão.

— Ei, Brandon, não compraste uma *pick-up* nova esta semana? — perguntou, a falar com o amigo enquanto olhava para mim.

Fulminei-o com o olhar, e os seus olhos castanhos brilharam.

— Sim. Queres vê-la? — perguntou o Brandon.

— Depois do pequeno-almoço. Adoro o cheiro a carro novo. O meu só cheira a café.

Fiz-lhe um olhar endoidecido e o riso dele abriu-se ainda mais. O Brandon nem reparou.

— Tens mais sacos? Precisas de ajuda? — ofereceu-se o Brandon. A Sloan já se tinha ocupado da tarefa e estava na cozinha a tirar as coisas dos sacos.

— Só mais uma viagem. Eu trato disso — disse o Josh, e os olhos fizeram-me um convite silencioso para o acompanhar até lá fora.

— Eu vou contigo — anunciei. — Esqueci-me de uma coisa na *pick-up*.

Ele segurou a porta para eu sair e, assim que esta se fechou, virei-me para ele.

— É melhor ficares de bico calado. — Espetei um dedo no seu peito.

Por essa altura, já não importava tanto o acidente com o café, mas mais a minha tentativa infrutífera de esconder o meu crime. Não tinha o hábito de mentir, mas claro que da *única* vez que tinha feito uma exceção, havia acabado de imediato numa posição em que podia ser chantageada. Raios.

O Josh arqueou uma sobrancelha e inclinou-se para mim.

— Roubaste a minha *T-shirt*, sua ladra de *T-shirts*.

Cruzei os braços.

— Se alguma vez quiseres voltar a vê-la, é bom que fiques de boca fechada. Lembra-te, *bateste-me* por trás. Também não ias sair muito bem na fotografia.

Os lábios dele encurvaram-se num sorriso irritantemente atraente. Tinha covinhas. Tinha a porra de *covinhas*.

— *Bati-te* por trás? Tens a certeza? A *pick-up* não tem nenhum dano. Não há relatório policial. Na verdade, a minha versão da história é que vi uma mulher histérica no parque de estacionamento da Vons e dei-lhe a minha *T-shirt* para a ajudar. Depois, ela fugiu com ela.

— Bem, esse é o teu primeiro erro — respondi. — Ninguém iria jamais acreditar que eu estava histérica. Eu não sou *dada* a histerismos.

— É bom saber. — Inclinou-se para a frente. — Nesse caso, vou mudar a história de acordo com a informação. Uma mulher calma, mas mal-educada, pediu-me ajuda e depois roubou a minha *T-shirt* favorita. Está melhor assim? — Ele estava a sorrir tanto que estava quase a soltar uma gargalhada.

Idiota.

Espetei os lábios e avancei outro passo. Ele pareceu divertido quando invadi o seu espaço pessoal. Não recuou e eu olhei-o enraivecida.

— Tu queres a *T-shirt*. Eu quero o teu silêncio. Não me parece difícil de resolver.

Ele sorriu-me.

— Talvez eu não me importe que fiques com a *T-shirt*. Até que não te fica mal. — Depois, virou-se para a sua carrinha, às gargalhadas.

TRÊS

Josh

Em nome da regra «o tipo novo ocupa-se de cozinhar», preparei o pequeno-almoço para a malta do turno C. Uma frigideira de ovos à moda do México, a minha especialidade.

Ainda estava na fase de liberdade vigiada — o novato. Apesar de já exercer esta profissão há cinco anos, só estava neste quartel há cinco turnos. Significa que era o último a sentar-me para comer e o primeiro a levantar-se para lavar os pratos. Na prática, era um criado. Punham-me a limpar as casas de banho e a mudar os lençóis. Todo o trabalho inglório.

A Sloan e a Kristen decidiram ajudar-me, e o Brandon teve pena de mim, de modo que se juntaram a mim na cozinha a limpar balcões e a raspar a comida dos pratos enquanto eu lavava a loiça e o Shawn e o Javier jogavam às cartas na mesa.

A Kristen tinha-me fulminado com o olhar durante toda a refeição, mas apenas quando achava que ninguém estava a olhar. Até foi engraçado, para ser sincero. Estive sempre a picá-la. Segundo consegui perceber, ela tinha dito a toda a gente que a *T-shirt* era do namorado.

Eu não ia dizer nada. O Brandon não precisava de saber que a sua *pick-up* nova já tinha sido conspurcada, mas diverti-me infinitamente a provocar a Kristen a esse respeito. E ela também não levou as provocações com leveza. Devolveu-mas na mesma moeda.

— Então, Josh, tu conduzes o camião dos bombeiros, não é? — perguntou a Kristen com descontração, enquanto limpava o fogão.

— Sim. — Sorri.

— E és bom a conduzir? Não tens problemas em travar quando é preciso? — Espetou o queixo.

— Não. Desde que ninguém trave de repente à minha frente, tudo tranquilo.

Olhar fulminante. Sorriso sarcástico. Repetir. E a Sloan e o Brandon não estavam a perceber nada. Não me divertia tanto há semanas.

A Sloan passou-me a tábua de cortar para eu a lavar.

— Vais caminhar até ao altar com a Kristen pelo braço. — Ela sorriu para a amiga. — É a minha madrinha.

— Espero que andes melhor do que conduzes — balbuciou a Kristen, entredentes.

Fiz um sorriso e mudei de assunto antes que a Sloan ou o Brandon começassem a fazer perguntas.

— Como se chama o teu cão, Kristen?

A coisinha tinha estado sentada ao colo dela durante todo o pequeno-almoço. De vez em quando, a cabeça surgia acima da mesa para espreitar para o prato dela, com a ponta da língua de fora. Parecia um *ewok* fofinho.

— Chama-se *Stuntman Mike*.

Levantei uma sobrancelha perante os pratos que tinha no lava-loiça.

— Tarantino?

Ela levanta a dela.

— Viste o *À Prova de Morte*?

— Claro. É um dos meus filmes favoritos. O Kurt Russel faz de *Stuntman Mike*. O teu cão tem problemas? — perguntei. O *Yorkshire* minúsculo trazia uma *T-shirt* que dizia TENHO PROBLEMAS.

— Sim, sobretudo com o Shawn.

Soltei uma risada.

A Sloan estava a reunir pés de coentros na mão e atirou-os para o lixo, e o Brandon tirou o saco e fechou-o.

— A Kristen tem um negócio *online* chamado *Doglet Nation*[2] — disse o Brandon. — Vende *merchandise* para cãezinhos pequenos.

— Ah sim? Tipo o quê? — perguntei, pousando uma travessa de caçarola no escorredor.

[2] Significa «Mundo dos Cães Pequenos». (*N. da T.*)

A Kristen recolheu os grãos de café e despejou-os no saco de compostagem.

— Roupa, malas, petiscos *gourmet*. A Sloan é que os faz. No entanto, o nosso item mais popular são as escadinhas.

— Escadinhas?

— Sim. Os cães pequenos geralmente não conseguem saltar para camas altas. Por isso, fazemos escadinhas à medida, a condizer com o mobiliário de quarto. Meio neutras, em alcatifa.

— E as pessoas compram essas coisas? — Pouso a última tigela a secar no escorredor e removo as luvas de borracha.

— Oh, sim, claro que compram. Porque haverias de dar umas centenas de dólares por uma cama da *Pottery Barn* ou da *Restoration Hardware* para depois teres uns degraus horrorosos de espuma da *PetSmart* ao lado?

Assenti.

— Acho que consigo entender.

— O que me lembra que estou sem um carpinteiro — disse ela à Sloan.

A Sloan franziu a sobrancelha.

— O quê? Desde quando?

— Desde que o Miguel se despediu na semana passada. Arranjou um trabalho através do sindicato na Universal, a preparar os cenários. Largou-me como se eu fosse radioativa. Tenho três escadas encomendadas.

A Sloan abanou a cabeça.

— Como vais fazer?

A Kristen encolheu os ombros.

— Vou pôr um anúncio no *Craigslist*. Espero que o tipo não se revele um pervertido que tente matar-me para vender os meus órgãos no mercado negro.

Soltei um ronco.

O Brandon apontou para mim enquanto dispunha um saco novo no caixote do lixo.

— O Josh é carpinteiro. E dos bons.

A Sloan olhou para mim.

— A sério?

O Brandon já estava à procura do telemóvel. Percebi logo o que ia mostrar. O bar tiki que eu tinha construído no meu quintal. O bar tiki da Celeste. O bar tiki do *Brad*.

— Olha — disse ele, a passar-lhes o telemóvel. — Foi ele que construiu isto.

A Sloan assentiu em aprovação. Depois, o telemóvel passou para a Kristen, e ela olhou para o ecrã antes de os olhos saltarem para os meus.

— Nada mau — disse, relutante.

— Obrigado. Mas não estou à procura de um emprego extra — disse, afastando a ideia. Não precisava de construir escadinhas para cães para ganhar uns trocos na minha folga. A sala de estar do meu novo apartamento continuava atulhada de caixas.

— Pois, quem precisa de duzentos dólares extras por três horas de trabalho? — disse a Kristen, também a afastar a ideia com a mão. — Ao que tudo indica, o Miguel não.

Petrifiquei.

— Duzentos dólares?

A Sloan borrifou o balcão com detergente de aroma a limão.

— Às vezes é mais, não é, Kristen? Depende do modelo?

A Kristen olhou para a sua melhor amiga como se estivesse a pedir-lhe que se calasse. Depois, arrastou os olhos de volta a mim.

— As escadinhas custam quatrocentos a quinhentos dólares por peça, mais portes de envio. Eu divido os lucros cinquenta-cinquenta, subtraindo os materiais, com o meu carpinteiro. Por isso, sim. Às vezes é mais.

— Tens alguma fotografia das escadas? — perguntei.

A Kristen passou-me o seu telemóvel sem grande entusiasmo, e percorri a galeria de um *website* com degraus ridiculamente pequenos e o *Stuntman Mike* a posar neles em trajes variados. Eram fáceis. Eu conseguia fazê-los.

— Sabes, acho que tenho tempo para isso. Se não tiveres outra pessoa, posso ajudar-te. — Uns quantos e pagava o cartão de crédito da Lowe. Era bom dinheiro.

A Kristen sacudiu a cabeça.

— Acho que prefiro arriscar nos ladrões de órgãos.

A Sloan arquejou, e o Brandon petrificou e olhou de mim para a Kristen.

— Ah sim? — disse, a fitá-la. — E que tal falarmos disto enquanto tomamos um *café*?

A Kristen estreitou os olhos e eu arqueei a sobrancelha.

— Está bem — disse, como se estivesse a experienciar uma dor física. — Podes fazer o raio das escadas. Mas só até eu encontrar outra pessoa. E *vou* estar à procura de outra pessoa.

A Sloan olhava de mim para ela.

— Há alguma coisa que gostariam de nos contar?

— Apanhei-o a olhar para o meu rabo — respondeu a Kristen, sem hesitar.

Eu encolhi os ombros.

— É verdade. Não tenho desculpa. É um excelente rabo.

O Brandon riu-se e a Sloan fitou a sua melhor amiga. A Kristen tentou parecer zangada, mas eu percebi que ela aceitou o elogio.

A Kristen soltou um suspiro.

— Dá-me o teu *e-mail*. Vou enviar-te os pedidos. Quando tiveres acabado, é só dizeres e eu emito as etiquetas de envio e mando-tas. Também vou inspecionar cada peça antes de as levares à FedEx, por isso nem penses em fazer as coisas às três pancadas.

— Espera, não tens uma loja? — perguntei. — Onde é que eu hei de construir isto?

— Não tens uma garagem, ou assim?

— Eu vivo num apartamento.

A Sloan olhou para ela.

— Kristen, tu tens uma garagem vazia com espaço para três carros. Grande parte das vezes nem costumas estacionar lá. Ele não pode trabalhar lá?

A Kristen fez um olhar de soslaio à Sloan.

Eu sorri.

— Ele pode.

Os altifalantes começaram a emitir um zunido alto que percorreu o quartel, seguido das luzes vermelhas. Tínhamos uma chamada. A Kristen susteve o meu olhar enquanto a central debitava os pormenores. Que pena que não pudesse passar mais tempo com a minha madrinha mal-humorada.

Que azar.

O Brandon inclinou-se e deu um beijo de despedida à Sloan. O mais provável é que as raparigas já tivessem ido embora quando eu regressasse.

— Nós acabamos de arrumar isto — disse ela.

— Pede o meu número ao Brandon — disse-me a Kristen, cruzando os braços sobre o peito para evitar que eu lhe oferecesse a mão para um aperto de mãos.

Uma vez que a chamada era uma urgência médica, não tínhamos de vestir o uniforme de fogo. Por isso, eu e o Brandon dirigimo-nos imediatamente à garagem, onde o equipamento estava estacionado. Sentia o olhar da Kristen nas minhas costas enquanto sorria. Ela odiava-me. Um tema recorrente com as mulheres na minha vida de momento.

Além da Celeste, cada uma das minhas seis irmãs *e* a minha mãe estavam furiosas por eu me ter mudado. Até as minhas sobrinhas pequenas me tratavam com distanciamento quando lhes telefonava. Com sete e oito anos, já dominavam o equivalente passivo-agressivo feminino de «Estou ótima.»

— Que achaste da Kristen? — perguntou o Brandon, com um sorriso enquanto subia para o veículo.

— Parece fixe. — Encolhi os ombros, enquanto punha os auscultadores.

Eu e o Brandon tínhamos passado um ano juntos no Iraque. Ele conhecia-me bem. Em circunstâncias normais, a Kristen era o meu tipo de mulher. Gostava de morenas *petite* — e, ao que parece, de mulheres que me mandassem à merda.

— Só fixe? — disse, pondo os próprios auscultadores. — Era por isso que estavas a olhar para o rabo dela?

O Javier sentou-se, a rir-se sozinho do comentário do Brandon, e o Shawn também se içou para o veículo, posicionando-se atrás de nós.

— A Kristen é estupidamente boa. Olho para o rabo dela sempre que aparece por aqui. — Também ele pôs os auscultadores. — Mas o cão já me mordeu uma vez.

Rimo-nos todos e eu liguei o motor.

— Ela não está interessada em mim. Tem namorado. E eu não estou à procura de ninguém neste momento. — Carreguei no botão para abrir a porta da garagem. — Ainda não acabei de pagar a última.

Literalmente.